

Vol 38

456-36

444

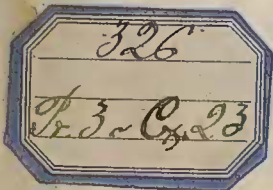
Sáfa! Que está damnada!

Comedia em um Acto.

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema



Síla! Que está dormindo!

Comedia em um acto.

Paritudo do francez P.^o Gouguinn Mo.^o de Andrade Fereira

Personagens.

Catherina, lavadeira.	— — — — —	.. A. Cardoso
Anna, sua criada.	— — — — —	.. E. Candida
Christovão, moço do casal.	— — — — —	.. Diniz
Roberto, soldado artillheiro.	— — — — —	.. Eduardo
Casaproveas, e casaproveasas.		

Otheatro representa uma aldeia. Na esquerda a entrada de uma breddade. No 1.^o plano, pregada com a breddade, a porta d'um casal, onde se vê a janella do cetheiro de ferro. Na direita, arvores.

A accção passa-se no interior das aldeas do Alentejo.

Acto 1.^o
Anna, só.

Anna. (Salindo do casal, e fallando para dentro.) O Mo.^o não me dei para, senhor Christovão!... Forte seco!... Sou má?... Deixa-o ser!... Sou má, porque não o quero ativar... anda sempre ativar de novo, não me larga um instante!... Já me aborreo....

Cazar?... Espere, que logo vai... Estái como
isso farrado nos tentos, e não cuida de mais
nada... Sabe o que lhe digo... tracte de
citar a paulha, e não me falte em casamens-
to... e se não dergar de mais contos, o melhor
é fechar-lhe a porta... (fez na a porta com a chave.)
Que diabo de rapaz. Tão aborrecido e tão tolo;
sabe muito bem que não gosto d'elle, e temna p.
força a querer casar comigo... Mas sabe
elle a que se arrisca... A Senhora Catharina,
cái a porta; foi quem lhe metteu isso na ca-
beça. Ella quer-lhe muito porque o annos passou
do salvação do fogo que consumiu todo o casal...
Ora se elle tivesse alguma coisa daquellas que
agradam às raparigas, eu talvez não dissesse,
que não porque enfim eu não sou de má boca...
Sim, se elle fosse bonito, bem pappareado, bem fal-
lante eu sumaria um rapaz agradável; proce-
der que afinal me de cedisse a quem... mas co-
mo elle é... um moço, com uma boca de fava,
e que não sabe dizer outra coisa senão: - a paulha,
a paulha. - quando diz, a paulha, julga ter dito tudo.
(esfregando os olhos.) Bem... veremos!

Acto 2.
Anna e Catharina.

- Cath.^a (Entrando.) Anna!... ó Anna!... Ah! estás ahí: jul-
gava que estavas com Christovão.
- Anna. Muito obrigada, Senhora Catharina! Então eu
não posso estar um instante sem o pé de minha?
- Cath.^a Que o que te vou dizer, Anna: tu és uma boa
rapariga, tens paes, que são pobres, pediram-
me que te tornasse para minha casa, afinal
de cuidar de ti em tudo e por tudo. Eu aceitei
o encargo com a condição de que me obede-
cias cegamente, e que disporias de ti como se
fosse tua propria mãe. Ora, como só desejo o

ten bem, e p.^o isso que quero que cases com
Christovão.

Anna. Pois esse bem que me desija, era um bem
que me agradava muito mais, se me casasse
com outro, Antonio Catharina.

Cath.^a Christovão é um rapaz valente e honrado.

Anna. Com outro.

Cath.^a Que trabalho como quatro.

Anna. É exacto.

Cath.^a Que lavora como um boi.

Anna. A gente casa com um homem q.^o faz as lavras?

Cath.^a A gente casa com um homem q.^o que elle faz tudo.

Anna. Há uma coisa que Christovão nunca poderia fa-
zer; que é de fazer com que eu goste delle, não te
salva medo!

Cath.^a Por que?

Anna. Um primeiro logar porque é feio

Cath.^a Feio?... não é muito.

Anna. Mas é bastante.... e depois q.^o que é tolo.

Cath.^a Se por isso que te não agrada? como tu estas
ainda atrasada!... Diz-me uma coisa: po-
re-to que eu poderia dizer alguma coisa a ve-
zido do bigodinho?... sim, ter a obrigação
de os conhecer?

Anna. (rindo.) Ora essa!... Então a senhora que já foi
casada!...

Cath.^a Pois bem; fica sabendo que ha duas especies de
maridos; a boa especie e a má.

Anna. Então Christovão ha de ser da má especie?

Cath.^a A boa especie é a dos maridos que não são experts.

Anna. Meu caro, Christovão deve pertencer á boa.

Cath.^a A má especie é a dos outros.

Anna. Tudo o que acaba de me ~~contar~~ dizer não me
faz gostar delle... eu mesmo tudo me satisfaz, ape-
nar de que não sou custosa de contentar; posso
querer um marido do meu gosto... sim, quero um
rapaz q.^o ~~tenha~~ eu não tenha vergonha de apro-
veitar.

4 Cath.^a

Deixa-te dessas equívocas... o tempo te fará gostar d'elle; digo-t'ó eu... E' int: bono e v: frax e int: animoso... Nunca me hade esquecer o serviço que me fez... se estau viva ou elle o deo, semão era victima das chammas, quando pegou o fogo no meu casal.

Anna.

Patroa eu desgiava satisfazer-la, mesmo até por esse serviço em Christovão me prestou... mas elle é assim um tal bruto e mto, tão alambicado!....

Cath.^a

Não digas isso!

Anna.

Digo e direi... Não posso aturar semelhante baccuco... Quero um marido que seja marido, e aquillo não presta para nada.

Cath.^a

(risso.) Isso dizes tu... Não presta... não presta... mas tu podes seguireres faze-lo a teu geito.

Anna.

Não pode ser, patroa... d'aquella cara não sabe nada que geito temha....

Cath.^a

(so-egando-a.) Espere, espere... não sejas tola... não te fias em ~~essa~~ tu, pelo que vejo... Nis então P.^a te servio em termos a meu cargo de sem burraria? e P.^a t'ó provar, vou chamado... (diz mandando.) Christovão!... o Christovão!

Scene 3.^a

Os mesmos, e Christovão.

Christ.

(aparecendo na janella do cellero.) Aqui estou, patroa!

Cath.^a

Dize fizes tu alhi, no cellero?

Christ.

Dize fizo aqui no cellero!... Estau fazendo meus de fructua.

Cath.^a

Bem co abaiço, ando.

Christ.

Não posso... estau fechado... e' mais uma dia brava da Senhora Anna... Vassos, faze favor da escada... então?... Encosta-me a escada.

Anna.

(encostando uma escada ao alto da parede da cozinha.) Alhi está a escada... Mto me heide ver, se o vejo dar

Christ.

51
um transbolarão!... Parece-me um sapo!
(prostrado o pé no 1.º degrau da escada.) Obrigado ao seu
favor... mas eu é que não tenho vontade de
partir a cabeça para a fazer rir... Vamos... mas
da de brincadeiras... sustinha a escada... aqui,
ente a escada com o pé... Olhe que então não
desço....

Anna. (à parte.) Como é avesso, este meu irmão!... Cum
encanto!... (alto.) Desça, não tenha susto:....

Christ. (descendo.) Agora o que falta é que se parta algum
degrau, ou ou que eu escoeque: (cãe em cima do pé
de Anna.) Até que cheguei.... ai!..

Anna. (quando um grito e coadunando.) Ah! Jovens! Não se
foa, que abarve!... Então? o maldito não
me ia castigando o pé? Forte diabo!

Cath.^a (zangada.) Ora isso é demais!... Sempre é pre
ciso ser muito desestrado!....

Christ. (tolamente.) Então que quer a patroa?... Eu não
me fiz, fixeram-me... Queria desculpar, só An
na, mas era a m.^a vontade fazer-me o pé.

Anna. (coçando.) Está bom,!... está bom!....

Christ. Bem vê a patroa, que eu não me fiz nada, por
que ella diz: está bom, está bom.

Cath.^a (impaciente.) Basta, não se fale mais nisso.

Christ. Olhe, cá p.^o irmão já estou enfiado.

Cath.^a (pregando a ambos pela mão.) Que caso, meus amigos.

Christ. (rindo despropositadamente.) Ah! Ah! a patroa que me
chama seus amigos!

Cath.^a Ainda se lembrava do Roberto?

Christ. (no-ouvando recordar-se) Do Roberto!

Cath.^a Do filho do velho guarda.... Aquelle que assem
tao pouco, houvera uns seis annos.

Christ. Ah! não conhece ou outra coisa.... O Robe
to, bem sei... até me lembra que um dia...
não... era uma criança, sim, era um dia...

disseram elle assim: que horas são, o rapaz?
e vai eu respondendo: elle desta maneira:
não sei, é seu Roberto... muito tempo na
quella dia!...

Cath.^a Pois saibam, que está quasi a chegar...

Christ. Livem! elle?... Então não disseram que ti-
nham morrido?... Foi tudo mentira... uma
vez que volta...

Cath.^a Volta, e volta com um gesto.

Christ. Ah! não volta só!...

Anna. (á parte.) Que grande palerma. (alto.) Está ca-
lado, Senhor Christovão!

Cath.^a Sim, cala-te... vem consolar e fazer compa-
nhia ao seu velho pai, e eu prometto casar
com elle.

Christ. Ah! ah! que extravagância essa, patrão... o
velho pai de Roberto é já tão velho!

Cath.^a Não é assim o pai, nem a mãe; é assim o filho
que prometto casar... e Cinema

Christ. Isso é outro caso... lá me admirava... o pai
está já tão quebrado, tão cansado, pobre ho-
mem! Visto isso vai outra vez casar-se, patrão.

Cath.^a Verdade. Já me aborreceo ~~estava~~ estar
vivendo. Roberto é bom moço, e como solda-
do tem sido exemplar.

Christ. Não sei porque exultou logo com a tua!

Cath.^a Resolvi fazer os meus casamentos no mes-
mo dia.

Anna. Muito obrigada. Eu não tenho pressa. Case-
se a Senhora primeiro.

Christ. Vossô, são Anna, sempre é... mas elle que

17
isso não far ao caso.... Vou ser sem marido...
e você vai ser minha mulher... Vamos ser
maridos... mas, não digo bem... vamos você
bem me entende... Ah, ainda que me dê
beliscos, ainda que me arrebre, ainda que
leve o dia todo a dar-me murros, eu hei de
ficar bem contente.

Cath.^a (aprovando.) É muito mais bom do ficar quando sou-
bera do presente que eu lhe faço. Dou-lhes um
pedaço de terra de servidão, e quero que se
façam lavradores.

Christ. É justo. Mas não sem isso me casar. Como
uma rapariga destas casa-se sem homem
sem que lhe deem nada?

Ana. Como é engracado!

Christ. Eu cá não sei vender fincas; não é esse o
meu forte, occupo-me n'outras coisas.

Cath.^a Deixa estar, que a Ana te fará fino.

Ana. Não tinha mais que fazer... ora essa!... Não
bem não é o meu forte a fincar..

Off.

(Canção.)

Sei tirar porcos nas rochas
Sei casar as engraxadas,
Fazer calças vender ovos
E tambem porcos tirar.

Sei fazer manteiga e queijos,
De creanças sei tractar,
Ojo pois quem sabe tanta
Que mais pode desear.

8
Christ. (representando...) Eu cá' é outra coisa?

(Canta.) Eu sei tractor das vitellas
As vacas dão de comer,
Sei engordar bucinellas
E os bois dão de beber.

Os burros também conduço
Emo campo sei cavar,
As ardigas não me enganam
Quando a fureta vou irroudar.

Eu não sei ler nem escrever
E também não sei cantar,
Agora pois quero saber tanto
Se não posso já cantar.

Cath.^o Agora, Christão, pedes daqui em diante nos
traz o teu amor a Anna?

Christ. Ouve o que diz a patrão, sr^a Anna? Isso nos
traz-me o meu amor desde este momento... Mas
eu não sei... Diga-me cá' o patrão... Como é q.
se mostra o amor?... O que heide em mostrar?
ensino-me, onde...

Cath.^o Tem-me tu amor?

Christ. Eu não sei... é por isso que eu lhe pergunto...

Anna (vivamente) Ouve o que elle diz, senhora!... Bem
vê que me não tem amor...

Christ. Não digo isso... não digo isso... Digo que não
sei como se mostra o amor... mas não diz
se que não me tem amor... Pois eu não lhe

4
haveria de ter amor?... a D. M. que me
faz tantos diabruras? Tinha que ver... Isso
eu não cheguei a f. ao pé de D. M. já me
dá cada empurrao que por pouco me não
faz cair... ainda hontem; atirou-me como
duas estacas as pernas, que f. um triz, não
me quebra.... Mas eu vendo tudo isto não lhe
hede ter amor?... nada, não...

Cath. 2.ª Tramês, vassia são dois patetas, não de fazer
boa liga. Christovão, tracta de seres delicado.

Christ. Vou tractar disso.

Cath. 2.ª Auctorizo-te para que estijas sempre ao
pé d'ella.... Podes acompanhala para toda
a parte....

Anna. (Arrogando.) Oh! sentença... pelo amor de Deus!...

Christ. Sim, sentença... assim deve de ser... para eu
lhe mostrar o meu amor...

Cath. 2.ª Anna, deixa estas, que ainda um dia me
vão agradecer tiv-te dando Christovão para
marido.

Anna. Não o espere.

Christ. (Com malicia.) Oh! que sim!... Oh! que sim!...

Anna. Mas, sentença....

Cath. 2.ª (Com severidade.) Basta. (riem.)

Acto 4.º

Christovão e Anna.

Christ. D. M. bem ouvir a fatura, agora devemos
interceder. Eu aviso-a de que estou determinada
do a mostrar-lhe o meu amor. Sim... Creio q.

estam disposto a fazer. Que vê o meu amor...

Anna. Eu estou desposta a não queres vê-lo, porque não gosto de você.

Christ. Isso não é natural, ou então... é porque gosta de outro.

Anna. Engana-se. Não gosto de você porque o acho muito feio, muito desestrado, e muito bruto.

Christ. Ah! acha-me tudo isso?... Pois elle, tambem não é natural... É a sua má vontade que me faz achar assim.

Anna. Não; é o meu coração que não me diz nada a seu respeito.

Christ. O seu coração é um talo; não sabe o que diz... Eu aviso-o de que hei de fazer tudo o que me disse a patroa. Ponho-se-me a de a fazer desaprovar. Quem é p.^o N. M.^o

(Canta.) Oh! invenção da minha alma,
 Que este casamento
 É pra mim cá se enternecendo,
 O maior divertimento.

Anna. (Canta.) É por isso que eu não quero
 Esse dito casamento,
 Pra pateta sou já grossa
 Não quero de vir a ser

(representar.) Ora digame, seu Christovão... Você não podia casar com outra em meu lugar?

Christ. Mas, se a patroa quer que seja com N. M.^o Eu cá por minha casava ainda que fosse com

des em seu lugar, o caso é que ellas quizes-
sem. Ederrais, donde a chareei em uma q.
me convenha.

Anna. Isso procura-se.

Christ. Dir-bem procura-se... Vossos nãos procu-
rata?... Dê-me cá braços, e vossos procu-
rata.

Anna. Olhe tem a filha do Manoel Segueiro.

Christ. Não me serve... é mto grande.

Anna. É a sobrinha do Jose Grande?

Christ. Tão pouco... essa então é mto pequena.

Anna. Vossos lá... e a filha do Ricardo, o breiro?

Christ. Ah! sim... a filha do Ricardo!... Não sabe?
O caso de seu pae damnar-se....

Anna. É que tem isso?

Christ. É por que ella estava sempre a fazer-me festa.

Anna. Então!?

Christ. Então... quando uma pessoa faz festas a um
animal que está damnado, fica turbado dan-
nada... e este caso que se não falla n'outra
ocorria servia em pessoas damnadas!... Ah!
basta-me só a lembrança... ainda que fos-
se minha irmã, m.ª tia, ou m.ª prima....
meu que fosse m.ª sor Anna; e olhe
que eu achava bem boa moça... mas não
era o filho de meu pae que lhe tocava nem
com as pontas dos dedos....

Anna. Medroso!

Christ. Mas m.ª não é a filha do Breiro não te
no medo. (paga-lhe na mão.)

Anna. (retirando e voltando um grito.) Ah!...

Christ. Que foi? Fêz-lhe mal na mão?

Anna: (indo cimal) Sim.

Christ. (tolerante.) Bateu-se?

Anna: (com malícia.) Não... é por que hontem, estava a brincar com a cadellinha do vizinho Thomazinho....

Christ. (aterrado.) Morder-lhe?

Anna: (vivazmente.) Ah! muito pouco... quasi nada....

Christ. (gritando.) Deveras?... chegou a morder-lhe?

Anna: (indo para elle.) Sim, sim, mordau-me... que tem isso?

Christ. (todo assustado, recuando.) Não se chegue para mim, de longe... de longe....

Anna: (chegando-se ainda mais.) Não tem duvida... Em tão agora tem medo de mim?

Christ. (recuando.) Não!... mas faz-me tremer!

Anna: (chegando-se cada vez mais, carita) De cá a mão.

Christ. Deus me livre!

Anna: (avancando.) Então já não vae comungo para curar a mão?

Christ. (recuando.) Não se chegue f. mim, que grito.

Anna: (com brandura.) Ingrato, assim foge de mim... ande de cá um abraço....

Christ. (fugindo.) Já quer que lhe dê um abraço... não há duvida esta damnada.... (safando-se.)

Anna: (correndo atraz d'elle.) Christovão!... Christovão!...

Christ. (em retirada.) Quem me acode?!... quem me acode!...

Acto 5.^o

Anna só.

Anna: (rindo.) Ah! ah! ah!... Que lembranças que em

13

tive!... e foi de repente!... Foi quando bar-
tão f.º me vir livre delle... Annineto montou
arrastou-me a mão, e elle a creditou logo...
Ora devo confessar que este pobre Christovão
é capaz de acreditar tudo que lhe disserem
... e se chegar a casar... talvez eu faça bem
mal em não o querer... porque enfim um
marido que confia em tudo que lhe diz
sua mother, far bastante conta. Oh! se me
visse obrigada a casar como elle podia estar
desencançada, que não era homem que acre-
ditasse senão o que eu lhe dissesse, e não da-
ria credito a intrigas de sculhoras vizinhas.

Rob.º (entrando.) Ora aqui estou.

Anna. Que é isto!... um militar.

Scene 5.ª

Anna e Roberto.

Rob.º (cantando.) Graças a vós, minhas feras,
Andei tanto, tanto andei,
Que no fim de tanto andar
Aqui agora cheguei.

Ora viva a m.ª aldea
Onde sempre houve bom vinho
Eram provados a correr
Sem ninguém mais, eu sosinho

Anna. (querendo entrar.) Este rapaz parece-se bem
alegre.

Rob.º (impedindo-lhe a passagem.) Queira perder a memi

na... em posso abraçada, se me não engano.
(abraça-a.)

Anna: Acabemos com isso.

Rob.^o (reprezentando.) E bem boa, a tal cachopa!

Anna: (dando-lhe uma bofetada.) Apanha lá esta!

Rob.^o Por isso não esperava eu!

Anna: Desculpe, senhor militar; pensava que era outro.

Rob.^o Quando assim fosse não era para bater tão de rijo.

Anna: Evidor que era uma pessoa conhecida... Mas a culpa foi sua... Assim se abraça uma rapariga, que se não conhece?

Rob.^o E para fazer conhecido.

Anna: (olhando de revés.) Elle não é nenhum prego podre!...

Rob.^o Sou militar e sou portuguez; o que vem a ser o mesmo que dizer, que sou um sincero admirador da belleria, e que por toda a parte me segue a victoria, tanto nos annos como nos combates; agora achou-me no campo dos annos, se me não engano.

Anna: (à parte.) Como elle falla bem!

Rob.^o Chega á minha terra, cuberto de gloria e de proeza; e vestes juras bandeiras no alto do hymen... ventos... cair-me.

Anna: Será por ventura, o Senhor, aquelle Roberto que aqui sain' haverá seis annos?... O filho do Guarda, do bello Pedro?

Rob.^o Sim, minha, o bello Pedro é meu pai, se me não engano.

Anna: (gritando.) Senhora! Mulheras! patrão!... (entra no casal.)

Acto II.^o
Roberto, e Christovão.

Christ. (Entra no mesmo instante em que Anna desaparece.) Então!... está dançada ou não está? Beijamo-la e a correr como uma fúria? Hei-me?!

Rob. Não é nenhuma ameixa, a tal rapariga!

Christ. Não pude avisar a patroa, porque não sei como se metteu. (vendo Roberto) Não tens cá nada da tropa!

Rob. Este é o Christovão, se não não engano. (Caverta-lhe a mão.)

Christ. Olha quem elle é!... é o sr. Roberto!... Como elle está crescido!... está um pouco mais... e guio, não, sim, senhora!...

Rob. Não podia ser d'outro modo. (Canta)

Christ. (Tirando o chapéu.) Então, diga cá, o sr. Roberto... sempre é certo que vai ser nosso amo?

Rob. Como?

Christ. Uma vez que casa com a patroa! Olhe, eu tive, bem estive a ponto de me casar, mas sobreviu um precalço à m.ª noiva. A propósito disso... não reparou n'uma rapariga que foi para alli a correr?

Rob. Tanto reparou que até estive a conversar com ella.

Christ. (aterrado.) Conversou com ella!... Ella chegou-me a tocar?

Rob. Se chegou!... Toque-me e bem tocou!...

Christ. Então o mordem?

Rob. Morder!... Para que queras tu que ella me

mordesse?

Christ. Eu bem sei porque th'ó perguntado... Cá te, salvo as inimizias raras...

Rob.º Tu estas fazendo-te engracado, comminho sempre não enganas!

Christ. Engrana-se, senhor militar; fallo serio e mto serio. O caso não é para brincadeiras. Dejo saber se a tal rapariga chegou a ferir-lhe o dente...

Rob.º Ah! rapas do diabo! tu apostaste de me fazer dano?

Christ. Eu cá não!... Ella, sim, ella... (aparte.) Vou amarrar-lhe um laço. (alto.) Foi tanto calor, seu Roberto... não tem sede?... Olhe, se quiser não faço cerimonia... Temos cá uma nascedeira de agua excellente... é tão fresquinha!

Rob.º Que diabo me vens tu fallar de agua, meu amigo... Se fosse vinho, mas agua!... não a posso ver...

Christ. Ah! repugna-lhe a agua?

Rob.º Até lhe tens horror!

Christ. Horrro! (aparte.) Estas arranjadinhos, não tens duvida!... Não tarda a furia!... Não podes ver a agua!... está bom!... está bom!... (retira-se pouco a pouco, não tirando os olhos de Roberto.)

Rob.º Este rapaz está com aduella de meninos.

Acto 8.º

Roberto e Anna.

Anna. (saindo do caral.) Não sei onde se mettem a patrao.

19
por mais que a procurei não me foi possível
ver dar como elle... Ah!... ainda aqui está?!...

Rob.^o Estava á sua espera. Digam-me alguma coisa, me-
nina; o Christovão teve algum desarranjo na ma-
quina? ... Sim, se elle deu volta o mihão?

Anna. Pode ser. Bem sei. Quer casar comungo.

Rob.^o Ah! n. m. ^o é que é a noiva delle?... Então que des-
gracia lhe aconteceu? Elle disse-me que elle se
breviava não sei que!

Anna. (rindo.) Uma desgraça!... ah!... ah!... ah!... É porque
elle acredita que eu estou damnada.

Rob.^o Hei-me?...

Anna. O n. m. ^o também acredita?

Rob.^o Qual historia... não sou tão burro como elle. Ah!
agora percebo o motivo porque me perseguem
se n. m. ^o me temia mordido!

Anna. Tive a feliz ideia de lhe dizer que tinha sido
mordida na mão por uma cadellinha, e elle per-
cebeu que eu estava damnada; o que me entendeu
porque não vi leve delle.

Rob.^o Bisto isso não gosto n. m. ^o delle, sempre não engano?

Anna. Não gosto nada, e se chegou a ser meu marido
ainda menos heide gostar. Ora veja as contas q.
eu lhe deito se não acreditadas... ouça se eu te-
enho razão. Sou minha rapariga alegre, que me-
ris sempre quando se falla em casamento. Esabe
porque ri-me rio? Porque não sei o que é; mas
Christovão sabe tanto como eu, entretanto sempre
lhe digo que por não saber o que quero não se
acho quem me ensine.

Rob.^o É de razão; desja aprender... nada mais justo.

17
Pois, durante, inveniva, que eu me encarrego
da sua educação. Me indo ensinar-lhe coisin-
has de que hade gostar mt.^o

Anna: (Suspirando.) Ah! se eu casasse com o senhor, an-
to gallo me cantava!... Havia de aprender
muito bem tudo o que me ensinasse; e digos-
lhe que approvava, porque comprehendo as
coisas mt. depressa.... Mas isso não é para mim.
o Senhor casa com a patroa, e não pode ter
duas mulheres, nem isto me convém.

Rob.^o É verdade não posso accumular. Ah! sou um
Artilheiro como eu vence todas as difficuldades,
e estou aqui... Sim... quanto gosto que não ca-
se com outra Senha como D. m.^o... Para isso
basta só que me dê uma prova de amor.

Anna: Eu não tenho nada que lhe dê!

Rob.^o Ora, se tem... tem, tem, sempre me engano. Pode
dar-me uma vista d'olhos, uma palavra ama-
rosa, eu sorrio encantado, eu.... E esta não é
ainda agora me aprazem os queijos novos
meus?

Anna: Assim não!

Cath.^a (Dentro.) Onde está elle?... Quero veto

Anna: (Assustada.) Ah!... ah!... vem a Senhora?

Rob.^o Deixe-a comungo.... Verá como eu lhe dou de mais...
Como a trato com indifference!

Senhor?

Amamos e Catharina.

Cath.^a (Alegremente.) Quero veto!... Disseram-me que o ti-
nhamos visto passar para este lado... Ah! para elle!

Amor, Senhor Roberto.

Rob.^o (embarracado.) Adens Senhora Catharina!

Cath.^a Como tu estás crecido!... Fica-te bem a fazer!

Rob.^o (à parte.) Minha vovó bem boa!

Cath.^a (estendendo-lhe os braços.) Vamos, venha de lá esse abraço, meu rapaz!

Rob.^o Como me gosto. Não posso resistir-lhe. (Abrace-a)

Anna. (à parte.) Como elle a aperta!... Então?... Não queremos vêr como elle lhe está dando de novo! Ora isto!...

Cath.^a (com abandono.) Como b. m. está para mim, Senhor Roberto!... Ora diga-me: não é bem bom para um soldado chegar à sua terra, e achar logo uma mulher pronta para casar, e boa lavadeira para amanhá-lo.

Rob.^o (acareijando o bigode.) Verdade, é uma prechianga. (Vai ao a Anna.) Não posso dizer o contrario.

Cath.^a (mostrando-lhe a lavadeira.) Esta é a lavadeira.

Rob.^o Está feito... deve dar uma boa colheita.

Cath.^a (estendendo-lhe a mão.) Aqui tens a lavadeira.

Rob.^o A lavadeira é como a lavadeira, se me não enganar. (à parte.) É de lavar e durar!

Cath.^a E chegou me a propósito. Não tens, que esperar, está tudo pronto p.^o o nosso casamento.

Rob.^o Quando quizer, Senhora Catharina! quanto mais depressa melhor...

Anna. (vendo o Roberto.) Que está dizendo?

Rob.^o Digo que sou soldado, e que não posso, nem de vo desfrutar fortunas; quando a praça se vem de novo há general que não aceite a capitulação; Sim, agradece a vovó, faço o que mandar; Amor, fidelidade e virtude são os artigos

de prax, e em accertos sem invariavel replica.

Anna (juchando-lhe a aba da farda.) Que está dizendo?

Rob.^o (à parte.) Ah! diabo! Destes vez engano-me de certo!

Cath.^a (a Roberto.) Que é isso? Que tem? Parece-me que hesita!... Estava indeciso?

Anna (largando-lhe a aba.) Ah! lá! lá!

Rob.^o (confuso e embaracado.) O que me impede; quero dizer, o que me impedia.... (à parte.) A artilleria está entre dois fogo!

Cath.^a (friamente.) Explique-se, Sr.^o Roberto.

Anna (o mesmo.) Sim, fante, senhor; não engane ninguém.

Rob.^o Como assim o queiram, fiquem sabendo que vejo em mim bigamno!

Anna. Um bigamno!... que bigo é esse?

Rob.^o Um bigamno é um homem casado com duas mulheres.

Cath.^a Os senhores Roberto é casado com duas mulheres.

Rob.^o Não o sou de facto mas sou o na intenção; e se a coisa se pudesse arranjar, eu era casado...

Cath.^a (espantada.) Não faltava mais nada!... Ora isto!... Nunca pensei, senhor Roberto... Como estão as duas mulheres?

Rob.^o (à parte.) Faça meia volta à direita. (alto.) As duas mulheres estão ambas presentes.

Cath.^a O que! é a Anna?

Anna. Sim, Senhora Catharina; mas a culpa não foi minha!

Rob.^o É verdade; ella não queria, mas eu sempre lhe fui dando um abraço.

Cath.^a (deveramente.) Ah! já lhe deu um abraço! M.^{te} Bento temo interdito. Anna, vá arranjar o que é seu para

se in embôra.... Fica desde já despedida

Anna: (Morando.) Assim é que a Sombra me agradece.

Cath.^a (colérico.) Que pouca vergonha é essa?... Ainda em-
cima quer que lhe agradeça?... Já, já, pela por-
ta fora.... Que sominha esta!... fingindo ares
de innocencia. Quem a convenceu que a comprou,
verá a peça que leva.... Como se agardou dia fa-
dinha.

Rob.^o (à parte.) Se me não não enganar, a minha teima
misola a querer-me.

Cath.^a (a Roberto.) Roberto, vá buscar seu paé. Não tarda
a chegar o povo do lugar que vem assistir à boda.
Ainda, que o ficarmos esperando para a assigna-
tura do contracto.

Rob.^o (a Anna.) Anna, se eu chegasse a ser seu marido,
havia de viver bem satisfeito. (a Catharina.) Vou
casar com a Sombra; pois digo-lhe que hade
ficar mto contente comigo: adeus! (sae cantando
dançando.)

Anna: (à parte.) Fiquei arrasada de novo, não tem duvida? (võe-se)

Fim do 10.^o

Catharina, só.

Cath.^a Sevi tão feliz com este casamento, como fui com
o primeiro?... Quem sabe?... O bre Christovão!... E
eu que já estava tão contente porque o entalheci!...

Agora já o não casco com a Anna, não quero
vê-lo desgraçado. Não é mulher que o saiba adivi-
nar, e por isso nunca o sabera enterrar. Ah! Sombra
me não caia!... se eu tentasse... e por que não?...
Christovão não tem nada de bonito, é verdadeiro;

mas é' um b'osso rapaz; está m'te ao facto dos trabalhos do campo, e conhece como ninguém do que é a labutação de uma herdade. Quanto mais, te, elle ali v'endo... esperarmos... Que arrisco eu?...

Acto II.º

Barbarrina e Christovão.

Christ. (correndo.) Ora até' give a tapici, patrão! Não mais de uma lousa que sou como um cavallo á sua proença!... Quero avisar-te de que o seu moço e mais a menina Anna....

Cath.^a O que? Já sabes do acontecido?

Christ. Ora se sei.... Sei, sei, e mais que sei; Vi-os a am-bos... estavam juntos... e eu vim com elles para das... Oh que por um traiz... (aparte.) Nada, mas; uma dentada da-se m'um instante. Saca!

Cath.^a E preciso não pensar mais na Anna. Já sabes que não quero que caes com ella.

Christ. Estija certo que não como esse riso. Minha dama, nada como ella é.

Cath.^a Mas deves arrastar contra mulheres.

Christ. Ora!... ha m'te!... é o que falta... é mulheres por esse mundo!....

Cath.^a Sim; mas quero que a tua seja uma boa mulher.

Christ. Ah! quer que ella seja uma boa mulher?... Isso agora é' que está m'te a achar, não é assim?

Cath.^a Não custa tanto como pensas.

Christ. A patrão acha isso?... (filando-o.) Oh! avê De-us! que elle que elle me diz!

Cath.^a (regardando-o na mão.) Meu b'osso Christovão!

Christ. (aparte.) Ella tem a mão tão macia, e a voz tão doce.

Cath.^a Tu nunca dançasste domingo, aos Domingos!
1... Porquê?

Christ. (baleucando.) É porque... é porque... é porque...
mas é por outro motivo, patrao

Cath.^a Mas porque é?

Christ. É porque acanhamento... eu por meu gosto bebo
gueria, mas acanhava-me... a patrao para mim
mas é como as outras... as mais não me hntte
medo o dançar com ellas

Cath.^a (com intervenção.) Mas quando tu me sabaste do
fogo não tiveste medo?

Christ. Oh! então não! então agarrei-me por aqui! (abra-
ça-lhe a cintura, mas retira logo o braço.) Oh! parece
como que queirna... Não sei o que sinto!...

Cath.^a Não haversias de dançar ambo. Quero que me
convides agora mesmo para a dança desta
noite... (assenta-se n'uma cadeira.) Suppõe tu que
eu estou assentada no meio das outras raparigas...
Agora vens pedir-me q' dançar domingo, como
tu fazes com as mais.

Christ. (rindo despropositadamente.) Oh! oh! Eu sou um co' tolo
mt' grande, não sei como heide dizer... enfim,
vá, lá; sáia o que sáhi? (vae a ella com um modo
mt' acanhado, pega-lhe nas duas mãos, e diz-lhe puchando-a
para si.) Amizade patrao, a invenção Catharina,
quer entrar na brincadeira domingo?

Cath.^a (levanta-se, dá o braço a Christovão; e n'outra mão o lenço
tenno.) De mt' boa vontade, s' Christovão.

Christ. (parando com ella de braço dado.) (à parte.) Oh! meu Deus!
Que ta'ho eu?... Que sinto!... O coração está
aos pulos meu que fosse uma lebre!

Cath.^a (affagando-o.) Me cuido dançar contigo tudo o que
tu quizeres, meu bom Christovão!

Christ. (fazendo-a saltar.) Tudo o que eu quizer; que papas
fiava?... Ah! como eu me sinto! Tenho a cabeça
pelos ares!

Cath.^a Permitto de não dançar senão contigo.

Christ. (como na primeira.) Só consigo, não é assim, pratica?
Fuga... fuga... ah! que a recordo... sinto em minha
mas sei o que!... Estou dançando!... vou fazer
casos elles... vou andar de gatas... ranger os den-
tes... e saltar pela janella!

Cath.^a Estou com medo de ti!

Christ. Quanto... eu estou com uma vontade....

Cath.^a (muito assustada.) De que, boiense?... Jesus... tu
assustas-me... falia, anda... dize, de que?...

Christ. De Me dar um abraço.

Cath.^a Ah! Então já não tenho medo... anda... da
caí... (abracam-se.)

Scene 12.^a

Os meninos e Anna.

Anna. (vindo da casa com uma tropa no fim de um pau, que traz
 no troncho.) Queijo?...

Peob.^o (aparecendo no fim do, e vendo Christovão abraçando Catha-
 rinha.) Estão abraçados se não estão enganado!
(desaparece.)

Christ. Ah! está goste!

Cath.^a Ah! é vassô, Anna!

Christ. Não diga a ninguém que me viu aqui!

Anna. Não se incomode, Senhora Catharina! Vou.

231
meu embôra; mas a que me consola, é que
o abraço que recebi do seu futuro, o meu mi-
ro acaba de lhe o restituir.

Christ. Então, estão juntos.

Anna: (Acorando.) Adeus, Senhora.

Cath.^a Fica, Anna: (Quero-se namorar.)

Christ. Que é isto.

Acto 1.º

Os noivos, e Roberto, convidados.

Campeões e campeãs.

Cora

Instituto Politécnico de Lisboa
É o triunfo, mais a namorada,
Largarem hoje a festa,
Este feliz casamento
Que se hade aqui celebrar.

Escola Superior de Teatro e Cinema

Rob.^o (entra correndo em grande desordem.) Onde está elle?... Onde
de está elle?... Quero-me vingar!... Quero ensinar o!

Campe.^{as} Que é, Sr. Roberto?

Rob.^o Meus amigos; estou furioso!... estou danado!

Christ. Então?... Que devia eu?... Vagares, mas me dei-
yem só com elle!

Todas. (a Christovão.) Elle é doido?

Rob.^o (agarrando no braço de Christovão.) É o amigo que eu tenho
que me brava!... Tendo-te atravessado nos den-
tes, maroto!

Christ. Não me marota!

Rob.^o Tu és um libertino, um seductor, se me não
engano.

Todos. Que fez elle?

Rob.^o Vive com a Anna, e abraça a mi.^a noiva, em te vou ensinar.

Anna. J.^o Roberto; o caso não é de morte. Também o Senhor me abraçou, e se elle provocasse...

Christ. Sim, se eu o provocasse...

Rob.^o Se tu me provocasses... Não; vamos lá a isso!

Christ. Não; eu disse: se eu o provocasse!... mas é que eu não o provoço... Não lhe peço, que não me morda!

Rob.^o Não morda!

Christ. Chame o que quiser!

Cath.^a J.^o Roberto, nada de batalhas immedia de toda.

Rob.^o (aparte.) Anna é singular!

Cath.^a Senhor Roberto, aqui só deve vir amigos, e pessoas que o estimam. Fiquem... (Dá-lhe a mão.) Agora, aqui tem a sua mulher! (Joga na mão de Anna, e faz como que elle lhe a aperte.)

Todos. É possível!

Anna. É possível! Que bondade!

Cath.^a Eu caso com Christovão.

Christ. Mas fica sempre a patroa.

Rob.^o Então; não que ninguém está chamado?

Cath.^a É que todos estão nomeados.

Anna. É mais agradável.

Christ. Aproximar de tudo, eu não queria estar no lugar d'elle. Aposto que na primeira noite elle ferra-lhe o dente! É capaz disso!...

Cão.

E também, mais a musica,

Que vem hoje festejar,
Este feliz casamento
Que se hade aqui celebrar?

Amica? (conta.)

Não me deves chorar-se,
Mas antes queres-me rir;
Mas sem palavras, meus Sentimentos
Quero chorar, e não rir.

Instituto Politécnico de Lisboa

Fim.

Escola Superior de Teatro e Cinema

Para ser representado no Theatro do Lyceum.

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema